



## QUESTÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DE SERES PROFESSORES-ARTISTAS EM FORMAÇÃO NA EAD

ISSUES ABOUT THE EVALUATION OF SOME BEINGS WHO ARE TRAINING ON SEMI-REGULAR BASIS IN ORDER TO BE TEACHERS AND ARTISTS

- **SANTOS, Rosimeire Gonçalves** (Universidade Federal de Uberlândia – [rosegon@gmail.com](mailto:rosegon@gmail.com))
  - **PRADOS, Juliana Ferreira** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro – [julianapradoss@gmail.com](mailto:julianapradoss@gmail.com))
  - **MOREIRA, Ana Carolina Coutinho** (Universidade Federal de Uberlândia – [k\\_rol\\_outinho@hotmail.com](mailto:k_rol_outinho@hotmail.com))

### Resumo:

*Neste artigo, discutimos questões acerca da avaliação na disciplina História do Teatro no Brasil, componente do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade de Brasília (UnB), no âmbito do convênio com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Questões referentes a uma práxis avaliativa são discutidas à luz da estratégia de avaliação final da disciplina, à qual denominamos intervenção artística. Estabelecendo-a como referencial, procuramos responder a perguntas que passam pela motivação da avaliação, sua utilidade e a serviço de que ideologia ela estaria. O segundo ponto de discussão é a formatação de um quadro de critérios de avaliação de fóruns utilizado neste mesmo contexto e cuja aplicação gerou controvérsia. Em sua defesa, tutores e tutoras apreciaram a organização e sistematização dos objetos de avaliação presentes nos conteúdos das disciplinas ou nas habilidades desenvolvidas por elas. Contra esse mesmo quadro, apontaram o risco de se engessar o processo de avaliação, limitando a autonomia do/a tutor/a presencial e das turmas de estudantes. É intenção deste trabalho a proposição de estratégias para a avaliação em educação a distância que reduzam as defasagens dessa modalidade de educação em relação ao ensino presencial.*

**Palavras-chave:** avaliação, ensino de teatro, EaD

### Abstract:

*This paper discusses questions about the assessment practice at a class of History of Theatre in Brazil, subject of the Bachelor's Degree in Theatre at the University of Brasilia (UnB), under the agreement with the Open University of Brazil (UAB). Issues relating to an evaluative practice are discussed by the light of the testing process we call artistic intervention. Putting this specific strategy as a reference, we try to answer some questions that go through the proposals of evaluation, about its usefulness and its inherent ideology. The second issue is based on a table of criteria developed to evaluate forums which recently started to be used in this context. Students and mentors are able to recognize the organized system of the evaluation objects of the subjects contents or the skills developed by them. But against this same framework, they point to the risk of neglecting the evaluation process by limiting the autonomy of the tutor and the classroom and mainly of the student groups. The intention of this work is proposing*





*strategies for the evaluation in distance education that must be able to reduce differences between both modes of learning, on line and at classroom.*

**Keywords:** *assessment, theater; distance learning*

## 1. Quebra de paradigmas

Um dos paradigmas da avaliação que a educação a distância deve quebrar é a hierarquização de saberes acadêmicos. Na EaD, o desempenho dos e das estudantes necessita ser motivado por uma colocação de conhecimentos em atividade. A simples exibição de audiovisuais e textos acompanhada de formatos clássicos de avaliações com a intenção de se medir o quanto do conteúdo de uma determinada disciplina foi assimilado é insuficiente para solucionar as carências da maior parte dos indivíduos que buscam essa modalidade de ensino.

Temos observado na Universidade Federal de Uberlândia, onde atuamos como docente e estudantes de Teatro, uma deficiência de formação básica dos estudantes universitários. O mesmo se verifica na educação a distância da UAB/UnB, onde atuamos como professora supervisora e tutoras a distância. Isso implica em escassez de referências de cultura geral e na dificuldade com a forma escrita, especialmente na escrita em norma culta. Em muitos casos, essas carências são suficientes para prejudicar a aquisição de novos conhecimentos.

Com essas reflexões, começamos a pensar sobre a avaliação em disciplinas de EaD como uma oportunidade de romper esse ciclo deficitário. Algumas questões são colocadas para discussão do tema, partindo da premissa de que a avaliação pode ser o momento de ensinar estudantes a aprenderem.

## 2. Para que se avalia?

Imaginemos uma audição para vaga de ator de teatro musical em uma opereta cômica. Não precisamos saber quantas pessoas se candidatariam à vaga para conhecermos o propósito dessa avaliação, pois o exemplo dado torna bem claro seu objetivo de escolher quem entre as candidatas e candidatos disponíveis obtiver o melhor desempenho nos testes. Poderíamos transpor esse exemplo para qualquer outra situação de seleção para vaga de emprego, pois nesses casos a finalidade da avaliação é selecionar a pessoa mais apropriada para determinado posto de trabalho.

Outro exemplo muito claro é a compra de vegetais na feira. O comprador ou compradora olha, toca, cheira, faz a degustação dos produtos, se disponível, com o intuito de escolher o ingrediente mais saboroso e nutritivo para cozinhar para o almoço, o que está mais fresco e durará mais tempo na geladeira, o que as pessoas da casa apreciam e, por isso, não vai apodrecer no cesto de lixo da cozinha. Avalia-se o alimento *in natura* na projeção de uma próxima refeição.

Em qualquer nível escolar ou acadêmico, quase nada desses exemplos nos serve quando pensamos em avaliar desempenhos estudantis. A não ser em vestibulares ou exames admissionais da mesma natureza, a nota maior que garante aprovação não impede a vaga





do/a estudante com a nota menor no ano escolar seguinte. O número de vagas da Educação Básica deveria se estabilizar com a entrada e saída de pessoas no sistema em número igual. A um determinado número de crianças ingressantes no início do processo de alfabetização corresponderia igual número de jovens concluintes, aptos a cursar o ensino superior ou a entrar no mercado de trabalho.

Se essas reflexões são válidas, resta a pergunta inicial sobre a finalidade da avaliação educacional. Nossa utopia preferida é considerar a avaliação como exercício de autonomia do sujeito no próprio aprendizado. Nessa proposição, a avaliação é entendida como tomada de consciência. O/a estudante que é avaliado, se avalia e descobre duas coisas muito importantes sobre si: como ser em formação, descobre sua capacidade aprendente e como agente do próprio aprendizado, escolhe seu estilo de aprender. Considerada dessa forma, a avaliação é nossa grande aliada.

Concordamos com Perrenoud (1999), quando diz que

a avaliação da aprendizagem, no novo paradigma, é um processo mediador na construção do currículo e se encontra intimamente relacionada à gestão da aprendizagem do alunos. Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de caráter classificatório, sejam supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, de caráter diagnóstico.

Da mesma forma, LUCKESI (1995) acompanha Perrenoud, ressaltando que o educador que trabalha numa perspectiva de didática interativa, observa a participação e produtividade do aluno de forma gradativa, no entanto, convém explicitar que a prova é mais uma formalidade do sistema escolar, e não deve ser usada como único instrumento de avaliação. Assim, entendemos que *a avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em prática pedagógica* (LUCKESI, 1995: 28).

Os atos de se pontuarem e ranquearem currículos servem a vários fins acadêmicos: distribuição de bolsas e recursos financeiros em projetos; fomentos à pesquisa; distribuição de vagas de trabalho para estudantes na própria instituição à qual estejam vinculados como alunos, por exemplo, em atividades remuneradas de monitoria ou estágio. Nenhuma dessas finalidades caberia apontar como inerente à educação a distância nos moldes que a praticamos, hoje, na Universidade Aberta do Brasil (UAB), portanto afirmamos que nossa avaliação não serve a esses propósitos.

Nessas indagações nos acompanham a professora Laura Coutinho e o professor Lúcio França, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), quando apresentam a estratégia de avaliação por eles denominada registro reflexivo, desenvolvida no programa PEDEaD, no qual trabalhavam a formação de professores em serviço no estado do Acre. O professor e a professora discutem essa proposta de avaliação formativa no artigo “O registro reflexivo: uma concepção de avaliação aplicada ao curso de licenciatura em pedagogia a distância” como parte da publicação *Virtualizando a escola: migrações docentes rumo a sala de aula virtual* (SANTOS e ANDRADE, 2010). Compartilhamos as opiniões contidas nesse artigo, pois:

Parece que a ideia de controle, de necessidade de medir a extensão do conhecimento, ou seja, de avaliar, remete a aspectos de muitas ordens, sobretudo,





quando essa avaliação acontece no interior de situações complexas, embora bastante articuladas, como parece ser o caso desse curso híbrido de formação concomitante do pedagogo e do especialista em educação on-line (In: SANTOS e ANDRADE, 2010, p.105)

Nosso trabalho também se irmana na complexidade de formação concomitante em duas competências diversas: aquelas do campo artístico e aquelas do campo pedagógico. Buscamos subsidiar a formação de professores artistas no curso semipresencial de Teatro da UnB. Não olhar para essa dualidade ao formatar as avaliações, denotaria uma compreensão insuficiente do profissional que a Licenciatura em Teatro busca formar no mundo contemporâneo.

Na concepção das professoras Rita Gallego e Denice Catani avalia-se para melhorar (GALLEGO e CATANI, 2009: 72-83). Caberia aqui nos indagarmos o que poderia ser melhorado a partir de uma avaliação final de disciplina de EaD, de onde extraímos exemplos para colocar esta discussão em contexto.

Na nossa experiência, devemos notar, também, que a avaliação informa a uma administração distante de nós e dos estudantes que determinados/as integrantes cumpriram sua parte no contrato educacional e merecem ser aprovados. A sala de aula é virtual, a administração é física, mas não nos contém fisicamente. Tanto quanto os estudantes, estamos distantes do espaço físico da Universidade de Brasília.

### **3. O que se mede nesta modalidade particular de avaliação a distância?**

#### **3.1. Aprendizado**

Mas no que consiste o aprendizado a ser avaliado? Para saber o que é aprendido na educação formal, precisamos compreender as culturas escolares. De uma maneira simplificada, podemos classificar a compreensão do processo ensinante/aprendente em concepções fundamentadas na transmissão de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades de forma hierarquizada, a que Paulo Freire denominou “educação bancária” ou em concepções nas quais se implica o envolvimento ativo do ser aprendente. Há muitos pontos idealizados entre dois extremos marcados um pelo controle absoluto do processo por uma autoridade institucional cuja representação está colocada na figura do professor e outro pela liberdade absoluta, em que a vida em sociedade ou o contato com a natureza seriam o bastante para educarem-se, por si mesmas, as crianças, a exemplo das experiências de Alexander Neill na escola livre de Summerhill (NEILL, 1967).

De acordo com Perrenoud(1999)

Avaliar é - cedo ou tarde - criar hierarquias de excelência, em função das quais se decidirão a progressão no curso seguido, a seleção no início do secundário, a orientação para diversos tipos de estudos, a certificação antes da entrada no mercado de trabalho e, frequentemente, a contratação. Avaliar é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros... Como, dentro dessa problemática, sonhar com um





consenso sobre a forma ou o conteúdo dos exames ou da avaliação contínua praticada em aula.

Para nós, parece muito óbvio que o modelo hierárquico de educação fragiliza o processo de formação de professores, inclusive na educação a distância. Somos adeptas da dúvida como disparadora da necessidade de conhecer. Dessa forma, não poderíamos propor um formato de avaliação que nos colocasse no alto da escadaria do conhecimento. A aquisição de conhecimento é o ato de caminhar na escada, o objeto de conhecimento, no nosso caso a formação de professoras e professores de Teatro, é a meta, o que se espera obter quando se chega ao topo da escada. Cada um chegará no seu tempo e com seus recursos pessoais de intuição, percepção, cognição e dedicação. Nenhuma professora será capaz de dotar o ser humano desses recursos porque são itens de fábrica. O que podemos fazer é, na medida em que provocamos o exercício de habilidades e competências nessas esferas, despertar a consciência de cada estudante para suas potencialidades, talvez, desconhecidas.

Nessa compreensão, a avaliação como atividade acadêmica faz uma curva urobórica e morde a própria cauda: avaliamos o aprendizado dos conhecimentos e habilidades organizados no programa da nossa disciplina e proporcionamos aos estudantes o aprendizado de si mesmos no exercício da avaliação.

No rol de competências a serem demonstradas por estudantes ao final de um processo de educação a distância como este que implementamos, na área de Teatro, consideramos como importantes fatores a serem observados nos critérios de avaliação: curiosidade, criatividade, colaboração, pró-atividade, pensamento e reflexão crítica.

### **3.2. Habilidades desenvolvidas**

Nossa área de estudos requer muita compreensão de texto, então essa é uma habilidade necessária, que deve ser desenvolvida por professoras e professores.

Dentre as habilidades docentes, lidamos cotidianamente com o desafio de ensinar a ensinar. Para as turmas de estudantes desenvolverem suas potencialidades pedagógicas, é necessário que sejam rerepresentadas ao sistema escolar da educação básica, na condição de estagiários/as ou na condição de meros aprendizes observadores.

No entanto, devem ser consideradas, também, as habilidades de artista de Teatro. Se nos preocupamos com o ato de ensinar a ensinar, necessariamente devemos nos preocupar com o objeto específico desse conhecimento. Para nós, trabalhadores e trabalhadoras artistas, a especificidade do objeto turva-se por detrás da subjetividade que o permeia. Nós do Teatro, consideramos que nossas atividades pedagógicas devem tratar de conteúdos sobre a humanidade e os seus modos de estar no mundo. De maneira mais prática e objetiva, o desenvolvimento de competências relacionadas ao treino de habilidades corporais, vocais, sensoriais e de socialização com o grupo deve ter como princípios o conhecimento de si e do mundo para favorecer ações propositivas que promovam o crescimento integrado desses elementos individuais.

### **3.3. Competência docente**





Avaliação é um caminho de ida e volta, não há meios de uma professora aferir a aquisição de conhecimentos ou o aprimoramento de habilidades de sua turma sem ser, ao mesmo tempo, avaliada em sua capacidade de transmitir conhecimentos ou ensinar aquelas mesmas habilidades. Consideramos esse um pressuposto básico da avaliação, uma vez que todo resultado obtido numa avaliação implicará em informações fundamentais para o ou a educadora, tanto com relação à aprendizagem de sua turma, como com relação à sua própria prática docente, contribuindo assim para o estímulo à reflexão crítica direcionada à revisão de sua metodologia. Para a efetividade desse processo, a auto-avaliação docente ao longo de seus processos de ensino e aprendizagem é primordial.

Com essa tomada de consciência, assumimos o papel de educadoras envolvidas nas questões sobre estratégias efetivas de avaliação. As reflexões de uma turma sobre o funcionamento de uma atividade, com relação à pertinência ao conteúdo, tempo a ser gasto em estudos, grau de dificuldade inerente ao estágio de aprendizado dos indivíduos avaliados, todos esses retornos são importantes para a professora fazer ajustes futuros, em outras turmas da mesma disciplina.

#### 4. Como medir resultados de um processo de ensino/aprendizagem artística e pedagógica?

Provas, testes, auto-avaliação oral ou escrita, questionários online, fichas, resenhas e artigos, fóruns. Todas essas estratégias de avaliação, que assim listadas parecem muito diversas, guardam relação muito distante com o ato de produzir e ensinar Artes. O desafio é recriar tais práticas a cada nova oferta de uma mesma disciplina, visando em uma perspectiva transcultural. Uma é a cultura da avaliação escolar, completamente outra é a liberdade para enfrentar o desafio de mostrar aos e às estudantes como se criam novos mundos na vida do Teatro. Pouco se importa o Teatro com questões sobre quem passará ou deixará de passar de ano. Deriva daí o pouco significado dado pela escola à avaliação em Teatro e, de maneira geral, nas Artes, o que repercute nas avaliações institucionais e nos ritos de passagem dos jovens interessados em obter vagas na universidade pública. Nesse caso se encontram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), os programas de avaliação ao longo do processo desse último nível da educação básica e o vestibular propriamente dito. Nos casos em que os conteúdos artísticos são avaliados nesses certames, há uma formalização compulsória da Arte, com forte tendência ao empobrecimento das experiências artísticas dos/as estudantes secundaristas.

Com base em Perrenoud (1999), podemos dizer que o melhor caminho para avaliar, é integrar um conjunto de avaliações, incluindo a formativa, que é uma peça essencial dentro de um dispositivo de pedagogia diferenciada.

Em se tratando de educação a distância, avaliar se torna algo ainda mais delicado pela falta de experiências comuns do cotidiano escolar entre professores e alunos. Existem várias ferramentas na plataforma Moodle para facilitar esse trabalho, mas algumas não são tão eficientes em comparação com estratégias utilizadas no ensino presencial. Um exemplo seria a auto avaliação oral ou até mesmo a apresentação de uma intervenção cênica em frente de um público que incluía a professora, ou o professor. Na EaD, a apresentação de resultados dessas atividades pode se dar por meio de web-conferências, postagens de





vídeos, fotos e relatórios. O que deixa claro que é possível um movimento que efetive a prática artística dentro de um curso a distância, inclusive como prática avaliativa.

Na disciplina História do Teatro no Brasil, as avaliações pautaram-se por cinco estratégias diferentes:

- 1) Fóruns avaliativos, onde eram discutidos temas e textos semanalmente no intuito de interagir com os estudantes como se estivéssemos em uma sala de aula presencial
- 2) Resenhas, para trabalhar um formato acadêmico de produção de textos
- 3) Questionários nos quais se verificava a aprendizagem de conteúdos do módulo de texto da disciplina
- 4) Webconferências, momentos em que se fez a avaliação diagnóstica, no início do processo e a avaliação final, com a apresentação oral sobre as práticas artísticas realizadas na comunidade
- 5) Intervenção artística, uma forma de proporcionar a prática artística na educação a distância. Essa estratégia consistiu na avaliação final da disciplina e, para efeitos quantitativos, subdividiu-se em dois momentos:
  - a) Escrita e postagem de um Plano de Intervenção Pedagógica. Atividade em que a turma foi orientada para a preparação e realização de uma atividade artística em sua comunidade
  - b) Escrita e postagem de relatório sobre a intervenção artística. Documentação das práticas e apresentação oral sobre essa atividade na webconferência

#### **4.1. Evolução dos fóruns como atividade avaliativa**

Os novos critérios de avaliação para os fóruns de discussão têm causado descontentamento nos estudantes. Mas esse novo modelo foi analisado por docentes e coordenadoras do curso de Teatro e considerado por esses profissionais como o meio mais apropriado para verificar a participação efetiva de estudantes na plataforma e sua consequente aquisição de conhecimentos.

Até o primeiro semestre de 2014, os fóruns eram avaliados diretamente na plataforma com um valor máximo de 30 pontos, sem definição dos critérios para a aferição desse aprendizado e designação de notas. Dentre os novos critérios estabelecidos estão: interação com o tutor, interação com mais de dois colegas em dias distintos, participação com mensagens pertinentes ao tema, uso correto da língua portuguesa entre outros, que poderão ser vistos na íntegra na tabela abaixo.

Ocorre que alguns destes critérios não são muito bem contemplados. Algumas vezes, o/a estudante faz uma postagem com conteúdo relevante, obedecendo as normas da ABNT, mas não interage com mais de um colega, e nem sempre interage com a tutora. Agindo dessa forma, naturalmente sua avaliação quantitativa não será a melhor.

Em outras situações, o/a estudante tem pouco referencial teórico e repete bastante do que lê nos textos. Porém, dialoga com os colegas, participa mais vezes durante a semana e, assim, consegue uma avaliação quantitativa com mais pontos do que no exemplo anterior. A problemática surge em dados momentos dessa avaliação nos quais o conteúdo de debate deveria ser o mais importante, mas, apesar de ser contemplado com maior percentagem na pontuação, não é a discussão do tema daquele momento da disciplina que se sobressai, já que outros critérios o superam. A questão que fica é, sendo o fórum um instrumento de





ensino e aprendizagem tão importante, como avaliá-lo de forma a não determinar o fracasso de estudantes com menor tempo de acesso à plataforma ou capacidade de interação, mas com bom rendimento relacionado à aquisição dos conhecimentos proporcionada na disciplina? Para termos clareza da avaliação dos fóruns no formato atual, podemos observar a tabela:

Tabela 1. Avaliação de fóruns

%	Requisitos	Valor Referência
40%	Participação com mensagens pertinentes ao tema proposto na semana	16
15%	Interação com o tutor	6
15%	Interação com 2 colegas em dias distintos	6
15%	Apresentar outras referências pertinentes ao tema proposto na semana	6
5%	Normas da ABNT	2
5%	Uso correto da língua portuguesa	2
5%	No mínimo 50 caracteres e no máximo 150 caracteres	2
100%	Subtotal	100

Fonte: Tabela de avaliação dos fóruns semestrais dos Cursos EaD da Universidade de Brasília. Primeiro semestre de 2016.

#### 4.2. Sobre as atividades presenciais nas webconferências

Na disciplina História do Teatro no Brasil, as webconferências representaram uma forma de contato direto com os alunos, como estreitar os laços, um contato visual de extrema importância. Observamos em algumas pessoas um déficit significativo de aprendizagem da forma escrita de linguagem. Portanto, nos encontros presenciais via web muitos alunos tiveram a oportunidade de mostrar mais seus conhecimentos do que faziam pela escrita, além de tirar dúvidas e expor suas opiniões. Consideramos essa atividade fundamental para o ensino em EaD, por mais que possa ser prejudicada por problemas de ordem técnica como a falta de manutenção de computadores, microfones, câmeras e caixas de som, bem como problemas com a rede de internet, principalmente dos polos presenciais em cidades carentes de assistência do poder público municipal, agente responsável por essas demandas da EaD no âmbito do consórcio da UAB.

Todas as webconferências realizadas no primeiro semestre de 2016 foram válidas e importantes para o andamento da disciplina, mas a primeira destacou-se pela dinâmica de avaliação realizada. Esse primeiro exercício trazia como proposta a divisão da turma em grupos de estudantes para fazer uma leitura dramática de texto teatral selecionado por eles. Ficou claro no dia da leitura o empenho da maioria dos estudantes em dar uma carga dramática e diferenciada para seus personagens por meio da fala. Algum/as professores/as artistas em formação usaram objetos cênicos e figurinos, mas o diferencial foi podermos





observar “ao vivo” o quanto se divertiam ao fazer essa atividade. O importante nessa diversão é a carga emotiva que fica registrada por meio de lembrança da atividade realizada, algo que motivou muitos alunos a realizarem a atividade final da disciplina, cuja proposta foi uma intervenção artística, uma ação local que deveria ser realizada em grupo em alguma instituição mais próxima aos alunos.

Para a realização da atividade final, solicitamos um plano dessa intervenção, onde os alunos descreveram o que pretendiam fazer, tendo, antes sido esclarecidos os propósitos do trabalho. O primeiro objetivo era ocupar um espaço institucional diverso da sala de aula do polo EaD, que poderia em outra escola, em hospital, prisão, creche ou similar, desde que fosse um local onde pudéssemos encontrar pessoas prontas a receber o trabalho teatral. A forma do trabalho ficou aberta, mas colocamos como sugestões uma condução de debate, palestra, apresentação teatral, leitura dramática, a leitura de poemas e uma mostra de vídeos.

O trabalho realizado deveria ser registrado em fotografias ou vídeos e postado no relatório da semana seguinte. Além do registro audiovisual, pedimos a apresentação de um texto com uma breve descrição da atividade realizada.

Fizemos também uma webconferência para que os alunos pudessem falar sobre suas intervenções. O compartilhamento oral de uma atividade levanta pontos de discussão importantes para o processo de sua avaliação, tanto como apoio para o professor, como para auto avaliação dos próprios alunos.

O fato de terem pensado e planejado a intervenção artística anteriormente, ajudou muito na hora de avaliar a mesma, já que pudemos analisar o que foi a proposta e o que realmente ocorreu em cada uma delas, bem como o que seu certo e o que não deu. Na sequência, relatamos e discutimos as intervenções.

Observamos a eficácia da webconferência quando utilizada como meio de compartilhamento das experiências propostas como atividades. Embora consideremos esse tipo de apresentação de trabalhos mais efetivo do que a apresentação em fóruns, é preciso ressaltar que as duas ferramentas pedagógicas para a EaD foram utilizadas de maneira complementar: os resultados apresentados na webconferência foram discutidos antes de serem postados no devido fórum em formato de relatório. Abaixo, relatamos os resultados mais significativos apresentados por esta turma. Nestes exemplos, serão citamos somente os polos de EaD de referência para os e as estudantes, que terão seus nomes preservados.

Duas graduandas do polo de Rio Branco-AC decidiram partir da questão indígena por ser muito forte em seu estado. Elas ensaiaram a leitura de um poema ao som da música de um compositor acreano que trata cultura indígena. A ação foi realizada na Faculdade de Teologia e Filosofia próxima ao polo do curso de Teatro que frequentam para os encontros presenciais. Elas imaginaram que os alunos se sentiriam incomodados, já que a aula deles seria alvo da intervenção artística, mas, de acordo com o relatório delas, ocorreu o contrário, pois “os alunos receberam bem e gostaram muito”. A ação foi simples, enquanto tocava uma música indígena enquanto elas liam o poema na cadência da música. Nesse exercício, a música desempenhou um papel fundamental: por estar diretamente relacionada aos sentidos do poema lido, ajudou as atrizes leitoras a se deslocarem no espaço imagético da leitura. Alguns adereços que remetiam à cultura indígena local foram utilizados por elas para caracterização e ambientação da leitura. Não houve conversa depois da ação porque o professor estava com a aula em andamento e as moças não quiseram atrapalhar





ainda mais o tempo de aula, mas agradeceram muito a intervenção e receberam aplausos e sorrisos ao final. As alunas registraram todo o processo por foto, com a ajuda de sua tutora presencial.

Uma dupla de estudantes do polo de Barra do Bugres-MT formada por um rapaz e uma moça, teve a ideia de se vestir de mendigos e ir para um local movimentado no centro da cidade no horário do almoço, usando *notebook* e celular do lado e uma placa escrito “Dê um *like*”. A ideia foi ver reação das pessoas que passavam pelo local. Como nome da intervenção, os dois escolheram “Mendigo virtual”. Seu objetivo foi sair às ruas e discutir a questão da sociedade e o momento do país. A intervenção foi registrada por eles mesmos em cena por meio de fotos tiradas por seus celulares, ou seja, objetos que estavam relacionados com a cena. Estando preparados para tudo, foram atores e observadores ao mesmo tempo. Infelizmente em seus relatórios finais os alunos não disseram quais foram as reações das pessoas que passaram e viram a ação, pois no momento de se apresentarem via webconferência ainda a tinham apenas como ideia concebida em planejamento. A intervenção ainda não tinha sido feita.

Os demais estudantes daquele polo realizaram a junção do poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, com músicas africanas cantadas ao vivo. No final da cena, entraria um policial para prender os artistas. Os estudantes consideraram sua proposta como uma fusão entre a poesia romântica e arte engajada moderna ou contemporânea. A performance foi feita em uma escola para a apreciação de todas as turmas, toda a escola os assistiu.

Esse grupo decidiu-se por vincular o trabalho aos estudos de improvisação e performance, abrindo mão da programação de ensaios. O trabalho foi preparado em meia hora somente com a leitura do poema, que foi gravada e enviada para a tutora presencial, ajudando, assim, na avaliação do grupo. Parte da performance também foi gravada e fica visível a atenção de todo o público, o que surpreendeu os atores que já conheciam a escola e sabiam que lá não havia aulas de teatro e, para a maior parte dos/as estudantes, aquele seria o primeiro contato com esse tipo de arte.

Após a intervenção, a escola pediu mais apresentações teatrais na escola, ou seja, as portas ficaram abertas. Os estudantes conseguiram relacionar a atividade ao conteúdo da disciplina, com referência às questões sobre cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Além disso, perceberam a forte presença de estudantes negros ávidos/as por conhecerem mais sobre suas origens. Houve um debate com o público depois da apresentação, e ficou visível a inquietação de todos em relação ao preconceito racial. A performance foi tão significativa para os estudantes daquela escola, que ao final um grupo foi falar com os atores, declarando-se motivados a realizar teatro que tratasse o tema. Os vídeos podem ser vistos nos seguintes links:

Link para o vídeo da apresentação: <https://youtu.be/cYagiOn4vI8>

Link para o vídeo de Ricardo declamando trecho de “Navio Negreiro” de Castro Alves:  
<https://youtu.be/zaJPTVUktV8>

Com a proposta de levar a público algumas discussões dos fóruns da disciplina, um rapaz e uma moça, estudantes do polo de Ipatinga-MG, realizaram intervenção com um grupo de extensão de idosos, com o texto “Conversa de Comadres”, de Guido Fidelis<sup>1</sup>. A

<sup>1</sup> Publicado no livro Histórias de Ética, da Coleção Para Gostar de Ler, número 27. São Paulo: Ed, Ática, 2012.





escolha do texto lhes facilitou a entrada na realidade dos idosos, pois o personagem central do texto escolhido é uma senhora que sente a aproximação da morte. A dupla propôs alguns trabalhos de preparação para a escuta sensível antes de lerem o texto, para que seu público ouvinte fosse capaz de apreciar ainda mais a leitura que ouviriam de olhos vendados. O registro deste trabalho de intervenção artística consistiu, em primeiro momento, de cartazes feitos pelos idosos após a leitura do texto e de notas tomadas de uma conversa sobre o trabalho de sensibilização. Um formato secundário de registro foi feito para atender às exigências da avaliação na disciplina História do Teatro no Brasil. Esse, na forma de fotos dos trabalhos finais dos idosos e de uma filmagem do relato de um dos idosos que fez a ligação da leitura com a época em que ouvia radionovela. Foi um momento marcante, tanto para os idosos quanto para os atores, que foram recebidos com muito carinho e com um belo lanche organizado pelos senhores e senhoras do abrigo.

Um estudante desse mesmo polo preferiu fazer trabalho individual e acabou um pouco frustrado durante o planejamento da atividade, pois queria fazer algo relacionado ao teatro político em um determinado espaço em vias de ser transformado em um museu da resistência à Ditadura no Brasil. Pensou, então, em fazer sua intervenção dentro de uma escola de Educação de Jovens e Adultos, mas teve dificuldade por ser uma aula feita por meio de oficinas e as turmas estarem, naquele momento, em processo de avaliação. Então, resolveu realizá-la no curso de iniciação teatral do Palácio das Artes, com meninos de 9 a 11 anos, onde já trabalhava como instrutor. Ofereceu, então, uma “contação de história” acompanhada de uma preparação para improvisação das crianças. O texto escolhido foi “O homem, o lobo, a árvore, a mulher, o sábio e a felicidade”, uma versão que aprendeu quando criança com a avó paterna e que está registrada por Luís da Câmara Cascudo no livro *Histórias que a minha Babá contava*. A babá em questão era uma mulher de origem negra – Bibi - que acompanhou o folclorista durante toda a infância, adolescência e vida adulta até que morresse como empregada doméstica sob o seu teto. O registro deste trabalho foi realizado por meio de uma filmagem. Sua turma de alunos já havia cursado um primeiro semestre de iniciação teatral e estava, portanto, bem à vontade com o fazer teatral, o que deixou a improvisação final bem interessante. No final, houve uma conversa sobre a história relatada e sobre sua origem na memória dos negros. A encenação dos alunos pode ser vista em: <https://youtu.be/zqIEuHk9ooE>

Tanto na webconferência que serviu para falar das intervenções, quanto nos relatórios finais dos grupos, ficou clara a importância desse trabalho com alunos do curso da Licenciatura em Teatro na EaD. Mesmo com a insegurança inicial demonstrada pela turma sobre a proposta de intervenção, de modo geral, essa foi uma atividade de avaliação bem-sucedida. As dificuldades encontradas pelos estudantes passavam pela problemática da realização de trabalhos em grupo. Um impasse foi causado por considerarem impertinente a proposta de trabalhos que exigissem suas presenças nos seus polos da UAB de referência, especialmente no processo pedagógico de uma disciplina teórica. Estudantes residentes em cidades diferentes e distantes também do polo reclamaram dessa necessidade específica de encontros para realização de uma atividade avaliativa, mas superaram suas dificuldades e acabaram por se encantar com a proposta, tendo concluído seus trabalhos com capricho. Com todos os questionamentos, podemos afirmar que a realização dessa atividade em grupo





levou-os a uma reflexão importante sobre a proposta pedagógica do curso de Teatro da UAB/UnB que destaca a importância da prática artística na formação do professor de teatro.

A preparação desta atividade final com o compromisso de mostra de resultados via webconferência aproximou ainda mais as práticas da turma de professores em formação na Educação a Distância daquelas que realizamos com nossas turmas presenciais. No teatro, compartilhamos saberes e expressamos emoções por meio de nossos corpos e vozes. Estímulos inesperados despertam nossa capacidade de improvisação, já que estamos habituadas a vincular a essência dessa arte à presença física, ao contato em tempo real entre os atuantes e uma plateia. Em termos mais próximos ao aqui exposto sobre a disciplina, procuramos o contato próximo, presencial, entre professora e estudantes. Com a utilização da webconferência como meio para desenvolver trabalhos de pedagogia teatral conseguimos atingir esse objetivo. Fomos capazes de expandir nossa sala de aula virtual para a comunidade, contribuindo para a divulgação do conhecimento compartilhado na disciplina, o que deixou a equipe bastante provocada a prosseguir com novas experiências do mesmo tipo.

## 5. Referências bibliográficas

- CATANI, Denice Barbara e GALLEGO, Rita de Cassia. Avaliação. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: apontamentos sobre a pedagogia do exame. Tecnologia educacional. Rio de Janeiro, v. 20, n. 101, p. 82-86, jul./ago. 1991 \_\_\_\_\_. Avaliação da aprendizagem escolar. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- NEILL, A. S. Liberdade sem medo. São Paulo: Ibrasa, 1967.
- PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 1999.
- SANTOS, Gilberto Lacerda e ANDRADE, Jaqueline Barbosa Ferraz. Virtualizando a escola: migrações docentes rumo à sala de aula virtual. Brasília: Ed. Liber Livro, 2010.
- VASCONCELOS, Celso dos Santos. Avaliação: concepção didática libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 1994.

